



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**IVANILDO DOS SANTOS XAVIER JÚNIOR**

**O UNIVERSO ASSOMBROSO E O DIABO NAS HISTÓRIAS DE BOTIJA DA  
LITERATURA DE CORDEL**

**GUARABIRA-PB  
2016**

**IVANILDO DOS SANTOS XAVIER JÚNIOR**

**O UNIVERSO ASSOMBROSO E O DIABO NAS HISTÓRIAS DE BOTIJA DA  
LITERATURA DE CORDEL**

Trabalho de Conclusão de Curso Programa de  
Graduação em História da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de licenciado em História.  
Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientadora: Professora. Dr<sup>a</sup>. Alômia Abrantes  
da Silva.

**GUARABIRA-PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

X3u Xavier Júnior, Ivanildo dos Santos

O universo assombroso e o diabo das histórias de botija na literatura de cordel [manuscrito] / Ivanildo dos Santos Xavier Junior. - 2016.  
25 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.  
"Orientação: Alômia Abrantes da Silva, Departamento de História".

1. Diabo. 2. Narrativas de Botija. 3. Cordel. I. Título.

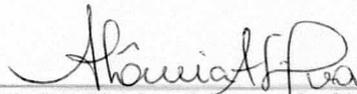
21. ed. CDD 398.5

O UNIVERSO ASSOMBROSO E O DIABO NAS HISTÓRIAS DE BOTIJA DA  
LITERATURA DE CORDEL

Trabalho de Conclusão de Curso Programa de  
Graduação em História da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de licenciado em História.  
Área de concentração: Ciências Humanas.

Aprovada em: 27/10/16

BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alômia Abrantes da Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Susel Oliveira da Rosa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À seu Manoel, que partiu com as rimas dos meus versos. E à flor oriental cuja primavera se tornou eterna, Marisa Tayra, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

À coordenação do curso de História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, hoje ocupada por Naiara Ferraz Bandeira Alves (coordenadora) e Carlos Adriano Ferreira de Lima (coordenador adjunto), por toda a atenção dispensada ao longo deste breve tempo.

À Alômia Abrantes – a mais doce orientadora que eu poderia desejar – a minha gratidão pela paciência e apoio. E que ela saiba que todas as “travadas” e o pouco jeito nas falas em nossos contatos deviam-se sobretudo a admiração que sinto por ela.

À toda a minha família, sobretudo minha mãe Cícera Maria Alves dos Santos, que teve que suportar todo o silêncio que o ofício me obrigava; à minha namorada Edilma da Silva Oliveira, pela compreensão com toda a minha ausência durante a produção do presente trabalho. Sua solidão teve um fim no último ponto deste trabalho. A meu pai Ivanildo dos Santos Xavier, minhas avós, tia e irmão que sempre fizeram o possível para que esta graduação pudesse ser um sonho real.

À Manoel Alves de Lima (*in memoriam*), não só pelo amor que me dedicou durante vinte e três anos, mas também por ter me contado as primeiras histórias de botija e assombrações de que tenho memória.

Quero agradecer também a Marisa Tayra (*in memoriam*) pela melhor aula, pelo mais inesquecível abraço e por fazer questão de marcar a cada um que lhe conhecia toda vez que nos encontrávamos com ela. De alguma maneira tenho certeza que esses agradecimentos serão conhecidos por ele e por ela.

Às amigas que me acompanharam desde o primeiro dia dessa jornada: Taylla da Silva Contagem e Waléria Kássia Martins da Silva. Que a vida se encarregue de nos manter juntos, por favor!

À todos os professores, agora também amigos, que contribuíram diretamente com a nossa caminhada neste curso.

À todos os funcionários, desde o diretor do Campus aos vigilantes, que fazem do Centro de Humanidades um lugar tão aconchegante, suprimindo as diversas faltas materiais que ainda temos.

*“O Diabo não é menos que um dogma que depende de todos os demais. Tocar o eterno vencido não é tocar o eterno vencedor? Duvidar dos atos do primeiro é a mesma coisa que duvidar dos atos do segundo, dos milagres que fez precisamente para combater o Diabo. As colunas do céu têm seu pé no abismo. O insensato que move esta base infernal pode gretar o Paraíso”.* (MICHELET, 1991, p. 38).

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01 – Kung-Fu e Satanás arrancando uma botija .....</b>	<b>17</b>
<b>Figura 02 – O caçador Zé Caetano e a voz do Pai da Mata .....</b>	<b>08</b>

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
2	<b>SOBRE AS BOTIJAS E O UNIVERSO ASSOMBROSO EM TORNO DELAS .....</b>	<b>10</b>
3	<b>O DIABO E O ASSOMBROSO NAS HISTÓRIAS DE BOTIJA: ANALISANDO ALGUNS CORDÉIS .....</b>	<b>14</b>
4	<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>22</b>
	<b>ABSTRACT.....</b>	<b>23</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## O UNIVERSO ASSOMBROSO E O DIABO DAS HISTÓRIAS DE BOTIJA NA LITERATURA DE CORDEL

Ivanildo dos Santos Xavier Júnior\*

### RESUMO

O presente artigo analisa algumas representações do assombroso e, mais especificamente, do Diabo, nas histórias de botijas contadas em cordéis. Apresenta, através da bibliografia sobre o tema, alguns elementos comuns a essas narrativas, bem como conceituações propostas por autores que as têm analisado na busca de melhor compreender seus aspectos oníricos, místicos, e indiciadores de valores culturais presentes no cotidiano de diferentes épocas e espaços. Através da leitura analítica de uma produção de estudos relativa ao tema e dos folhetos de cordéis, Kung-Fu e Satanás arrancando uma botija, de José Soares e O caçador Zé Caetano e a voz do Pai da Mata, de Francisco Sales Arêda, observa-se as tramas narrativas, que envolvem a comunicação entre os mundos dos vivos e dos mortos, os contrastes entre as representações do Diabo presentes nessas histórias e àquelas oficialmente difundidas pelo Cristianismo. Aponta-se ainda que, junto com as representações e imagens acerca do tema, se pode notar uma série de sobrevivências de religiosidades e tradições distintas que compõe aspectos da cultura e das tradições da região Nordeste do Brasil.

**Palavras-Chave:** Diabo. Narrativas de Botija. Cordel.

### 1 INTRODUÇÃO

Quem nunca ouviu ao menos uma história de botija? Uma sobrevivência tão longa nas memórias e nas histórias de trancoso<sup>1</sup> eternizadas tanto na literatura fantástica<sup>2</sup> do Nordeste do Brasil, quanto nas conversas familiares, exprime a importância que essas histórias possuíam para os participantes de toda uma rede de trocas culturais que se estendia por diversas comunidades.

Histórias sobre botijas são contadas ainda hoje em várias comunidades dessa região. O seu poder de encantamento, que não pode ser medido pelo estatuto de verdade racional que (não) possuem, enuncia a presença de um universo sobrenatural que envolve comunidades ligadas por uma rede de crenças, ainda não bem conhecida ou compreendida pelas ciências

---

\* Aluno de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

Email: junior.cm2010@gmail.com.br

<sup>1</sup> As histórias de trancoso remetem as *estórias* de que fala Câmara Cascudo no Dicionário do Folclore Brasileiro. É um tipo de conto popular, tradicional, na maior parte das vezes localizadas no espaço cambiante entre o real e o imaginado.

<sup>2</sup> Existe ainda hoje uma discussão acalorada sobre se a literatura fantástica é um modo ou um gênero literário que não pretendemos adentrar aqui. Esse tipo de literatura é marcado pela presença de eventos inexplicáveis racionalmente (fantasmas, monstros, tesouros encantados), mas sempre mantém relações estreitas com a realidade. Maria Cristina Batalha (2011) faz uma introdução bastante didática a respeito deste tema.

humanas. A nossa pesquisa tratará, pois, de um aspecto marcante nessas histórias: a figura do diabo. Analisaremos no presente trabalho a maneira como Satanás é representado em dois cordéis<sup>3</sup> que contam histórias de botija: o primeiro é de José Soares<sup>4</sup> e tem por título *Kung-Fu e Satanás arrancando uma botija*, já o segundo é *O caçador Zé Caetano e a voz do Pai da Mata*, de Francisco Sales Arêda<sup>5</sup>. Suas escritas se dão entre décadas de 1960 e 1970, com datação precisa muito difícil<sup>6</sup>.

Mas de que falamos quando usamos o termo literatura de cordel? Se caímos na tentação daquele velho fantasma dos historiadores<sup>7</sup>, a de perseguir as “origens”, por certo não estaremos falando de um gênero literário, mas de um modo de dispor para venda um certo tipo de literatura (presa a um barbante); temos, portanto, muito mais um tipo de suporte para diversos gêneros de textos das literaturas tradicional e popular ibéricas. Um mar e muitos séculos depois, o termo passou a identificar, no Nordeste do Brasil, um tipo de suporte para gêneros populares cambiantes, que existem na fronteira da tradição oral e da escrita (JAHN, 2011, p. 11-12). Esse “passo lá, passo cá” do cordel fica muito mais evidente se recordarmos a maneira como eram lidos: nas feiras eram declamados ou cantados por seus autores ou outros vendedores, nas famílias também poderiam ser lidos ou cantados, em reuniões no alpendre ou no quintal das casas, o que fazia com que mesmo pessoas iletradas aprendessem vários versos ouvindo-os da boca de parentes ou vizinhos nessas reuniões.

Segundo Livia Petry Jahn, a literatura de folhetos é “uma forma de ‘regulação social’ dando à sociedade nordestina toda uma conformação cultural, ideológica, moral e religiosa [...] passadas de pai para filho” (2011, p. 25) e possui três funções bem demarcadas: diversão e descontração; ferramenta de incentivo a alfabetização de muitos dos seus leitores/ouvintes; e a de elemento agregador das famílias. São naquelas reuniões que a tradição oral dessas comunidades, dentro dela as histórias de botijas, é transmitida causando espanto, mas também desejo nos contadores e ouvintes. Desejo de riqueza, de mudança de vida; E também medo,

---

<sup>3</sup> Os cordéis selecionados fazem parte do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa, e estão disponíveis no endereço eletrônico: < <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>>

<sup>4</sup> Nascido em Alagoa Grande/PB, publicou seu primeiro cordel aos 14 anos, em 1928 e nunca mais deixou de publicar. Passou boa parte de sua vida em Recife/PE.

<sup>5</sup> Natural de Campina Grande/PB, também passou boa parte de sua vida em Pernambuco, na cidade de Caruaru. Foi cantador durante muito tempo e só em 1946 publicou seu primeiro cordel.

<sup>6</sup> O problema de datação de cordéis é bastante comum para quem trabalha com esse tipo de suporte. Muitos autores realizaram suas atividades de maneira abundante e durante um longo período. Sem as especificidades técnicas que os livros convencionais estão sujeitos, a tarefa de datar cordéis fica bastante complicada. Para chegarmos as datações aproximadas pesquisamos em alguns bancos de dados desse tipo de literatura e levamos em consideração o período que os escritores atuaram.

<sup>7</sup> Marc Bloch em “Apologia da História: ou o ofício do historiador” discute essa obsessão do historiador pelo “ídolo das origens (2001, p. 56).

principalmente do Diabo e dos outros elementos assombrosos que surgem para atrapalhar o escolhido, ou a escolhida para desenterrar a botija.

Quanto a nossa personagem (O Diabo), procuraremos compreender os modos de lhe representar que são usados nos cordéis analisados. Entendemos que, como uma literatura popular de profundas marcas orais, o cordel nos permite conhecer alguns modos sobre como as pessoas que participam dessa cultura não oficial na região Nordeste do Brasil também representam o Diabo. Essas representações não deixam de estar inseridas em todo um repertório de imagens e significados criados para Satã no ocidente cristão, por isso mesmo precisaremos historicizá-los. Elas fazem parte das práticas que constroem o real percebido pelos homens e mulheres de uma determinada época e seu estudo abre à história a possibilidade de uma história cultural do social que procura compreender as estratégias simbólicas que constituem as identidades de classes ou grupos (CHARTIER, 1991, p. 184).

## **2. SOBRE AS BOTIJAS E O UNIVERSO ASSOMBROSO EM TORNO DELAS**

Geralmente, as histórias sobre botijas giram em torno de dois personagens principais, o dono da botija e a pessoa que recebe ela em sonho. A primeira figura comumente é um homem rico, dono de engenho ou fazenda, avarento e mau patrão, mas também pode ser uma pessoa pobre que tenta proteger um objeto de valor, ou mesmo suas economias em algum lugar sob a terra, ou entre tijolos, em um tempo onde os bancos eram raros. Existem histórias de botijas relacionadas aos cangaceiros, aos jesuítas ou outros religiosos e principalmente aos holandeses, durante sua estadia no Nordeste brasileiro (CIPRIANO, 2010). Já quem recebe esse tesouro maravilhoso – o *merecedor* para Maria do Socorro Cipriano<sup>8</sup> em sua tese de doutorado “Histórias de botija e os labirintos do universo assombroso na Paraíba” (2010), ou o *caçador* para Thiago de Oliveira Sales<sup>9</sup> em “Sobre Botijas” (2006), dissertação de mestrado apresentada a Universidade Federal de Pernambuco – sonha com o falecido dono lhe informando como achar a botija, e a partir daí trava uma luta com forças sobrenaturais para desenterrá-la.

---

<sup>8</sup> Maria do Socorro Cipriano é Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professora doutora nível C na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no Campus da cidade de Campina Grande e pesquisadora CNPq e PROPESC, trabalhando principalmente com temas relacionados a literatura de cordel.

<sup>9</sup> Thiago de Oliveira Sales é historiador, filósofo e antropólogo, com doutoramento em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e em Filosofia pela Universidade de Évora (Portugal). É professor da Fundação Joaquim Nabuco e da Universidade Federal Rural de Pernambuco, além de atuar como pesquisador na Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco.

Sobre as narrativas de histórias de botijas, os dois trabalhos já citados, de Sales e Cipriano, podem ser considerados como as grandes referências.

Para Maria do Socorro Cipriano a botija é um tesouro encantado, guardado por monstros e fantasmas, e que é dado por seu antigo dono, por sonho, a um *merecedor* – tido por um homem corajoso, disposto a enfrentar os seres fantásticos que guardam o tesouro, de fé e que não seja avarento, justamente o contrário do antigo dono do ouro (CIPRIANO, 2010, p. 128). O uso do termo *merecedor* exalta o sentido de recompensa da botija, uma compensação por todas as dificuldades que aquele pobre passou na vida sofrida, sempre aturdida por secas, carestias e previsões de fim do mundo, além da recente ameaça que é a mecanização na agricultura – sinal eminente da ação diabólica no mundo. Os elementos principais do desencantamento<sup>10</sup>, que parecem se repetir nos diversos lugares onde se contam esse tipo de história, são o fato de sair à noite, a necessidade de não se assustar e, após o desencantamento, alguma atitude de mudança com relação a moradia<sup>11</sup>. Esse desencantamento é quase sempre uma dádiva que exige características associadas aos homens, fazendo com que as mulheres raramente apareçam nessas histórias. Os símbolos religiosos são a principal ferramenta para garantir a distância das assombrações e do próprio Diabo, como vemos – e retornaremos mais detalhadamente ao longo do texto – no folheto de José Soares, o personagem Kung-Fu usa muitos desses elementos para se precaver e conseguir enfrentar o Cão e desenterrar a botija: Plaquinha com o nome Jesus, Cordão de São Francisco, Rosário, cruz, vela benta, terço, esplendor, vela de cor (SOARES, 197?, p. 02).

Cipriano trabalha com as narrativas de botija enquanto constructo desse universo assombroso, como território de tensão entre o real e a fantasia. As botijas são um “tema nômade”<sup>12</sup>, como diz a autora, por isso os recortes de espaço/tempo também precisam ser cambiantes, para poder acompanhar a difusão e o poder dessas narrativas que “inventam” e “reinventam” as botijas. Suas sobrevivências desafiam a lógica do desencantamento trazida pela modernidade, sentida contundentemente nas reformas urbanas dos grandes centros. Os espaços próprios dessas histórias assombrosas são os mais variados, engenhos, fazendas e cidades, todos eles são palcos de assombrações e histórias de tesouros encantados.

---

<sup>10</sup> O desencantamento é um verdadeiro ritual para o desenterramento da botija, que se realizado de maneira errada pode colocar a perder todo o tesouro assombroso.

<sup>11</sup> Sales mostra como essas atitudes em relação a moradia, por parte de quem recebe uma botija, pode mudar, enquanto algumas pessoas falam sobre ir embora, em outros casos o *merecedor* apenas troca a porta da frente ou realiza uma reforma estrutural todos os anos. SALES, T. O. **Sobre Botijas**. Recife: UFPE, 2008.

<sup>12</sup> Cipriano, se apropriando conceito de Deleuze, usa o termo “tema nômade” para mostrar a expansão territorial que essas histórias alcançam, passam e deixam seus rastros (2010, pp. 20-23).

Além das assombrações, naquele momento era comum encontrar folhetos de cordel que tratassem de temas apocalípticos, na verdade, a preocupação com o fim dos tempos é bastante presente e confirmada por diversos “sinais”. Um desses sinais é a cultura do agave, com o personagem capa-verde, personificação do próprio diabo, esse imaginário é reforçado ainda mais pelos acidentes com a planta e a presença das máquinas. Algumas pesquisas hoje começam a investigar mais profundamente as redes de crenças ligadas ao agave, sobretudo no Cariri da Paraíba (NUNES, 2006). O eclipse de 1947 é mais um dos sinais de que um Deus severo quer pôr fim no mundo, prenúncio dos três dias de escuro que antecedem o apocalipse; além destes, os protestantes, o espiritismo, comunismo e os falsos profetas, tudo isso ao som dos discursos apocalípticos de Frei Damião ou Padre Cícero Romão, demonstram que a Besta-Fera estava agindo. Aliás, por falar em Besta-Fera, essa não é a única aparência do diabo no imaginário do período, outra imagem fortemente associada ao capeta, ou ao menos a maldição, é a do bode. Nesse ambiente muito parecido com um Milenarismo, os folhetos que tratavam do fim do mundo fizeram bastante sucesso.

Na dissertação “Sobre botijas” de Thiago de Oliveira Sales (2006), o tema é estudado através do método etnográfico. Nas histórias narradas no trabalho, por moradores de Panelas de Miranda (estado de Pernambuco) é interessante perceber como para a comunidade, segundo Sales, não há uma separação entre o fantástico e o cotidiano, talvez como resultado da necessidade metafísica que Pritchard afirma possuir o ser humano. Essa tensão – entre fantástico e o cotidiano – é fundadora de nossa “mundanidade cotidiana”, como provam personagens como Zé Evangélico ou Toninho do Bilhar, homens que se meteram em peijas por botijas. Algumas características peculiares às histórias de botijas da cidade vão aparecendo durante o trabalho: Toninho afirma que não comenta sobre a história da botija que estava envolvido para não ser perturbado pela alma que lhe doou; a botija que anda por baixo da terra; as botijas de morte<sup>13</sup>; trocar a porta de casa para não precisar mudar-se de residência.

As histórias de botija certamente possuem um aspecto histórico, uma historicidade, são esses aspectos que Sales busca analisar em seu trabalho. Usando o exemplo da literatura de Ariano Suassuna, Sales mostra que as comunidades sertanejas receberam uma forte herança cultural do medievo ibérico, incluindo aí uma forte presença da cultura árabe. O sentimento de insegurança típico do medievo ibérico, que tem como esperança o ouro, basta observar a busca desenfreada da Espanha por metais preciosos que impulsiona a chegada a América, – uma busca constante, bem característica do homem-queres - é uma dessas

---

<sup>13</sup> Botijas que trazem a morte para quem as desenterram, pois, seus donos eram demasiadamente avarentos quando estavam vivos.

heranças. “As botijas de morte” apontam para outra delas, o respeito aos laços de solidariedade entre os membros da comunidade, a avareza é um dos modos de quebrar esses laços. Outro sinal dessas sobrevivências são os “corpos fechados”, as rezas que paravam balas, ou deixavam o homem invisível. Uma busca incessante pela segurança, uma fuga. O ideal do homem aventureiro destrinchado por Sérgio Buarque de Holanda (1995), parece ser o ideal que move essas comunidades na busca pela luz, pela beleza que é também riqueza, pelo ouro. O segredo para os aventureiros que desenterram botijas, para Sales, apesar de ser necessário, significa uma quebra nos laços de solidariedade, é uma transgressão, mas nas histórias de botija transgressão é normal, diria até, necessária, “é elemento estrutural imanente ao mito” (SALES, 2008, p. 150). É transgressão também se pensarmos uma outra relação: as botijas são a possibilidade para muitos mais viável de romper com a desumanidade do capitalismo, de burlá-la. Nem mesmo a razão é capaz de matar esse mito, ao contrário, dar-lhe nova pulsão frente ao crescente sentimento de insegurança nas sociedades contemporâneas (SALES, 2008, p. 150).

Outro trabalho importante que trata das botijas e desse universo assombroso é da antropóloga franco-brasileira Julie Antoniette Cavignac<sup>14</sup>, que tem por título “Um mundo encantado: memória e oralidade no Sertão do Rio Grande do Norte” e faz parte de uma coletânea de textos sobre o Campesinato brasileiro chamada “Diversidade do Campesinato: expressões e categorias” (2009).

Cavignac reconstrói a relação entre as histórias de botijas e as assombrações, ressaltando em seu trabalho a relação entre a comunidade e o mundo dos mortos. Essa comunidade estabelece laços de reciprocidade com os mortos e sente sua presença cotidianamente de diversas maneiras. O além-cidade é o entre-lugar do sobrenatural e os sonhos estabelecem uma importante maneira de comunicação com os mortos. Aqueles que morreram abandonados aparecem aos vivos, geralmente em seus distantes túmulos fora da cidade. Há uma ligação evidente, nas histórias transmitidas de maneira oral, dos mortos com a natureza; as serras, por exemplo, são locais que marcam a localização de reinos encantados que cercam o sertão do Seridó.

As tradições contadas oralmente por gerações a seus descendentes, através das histórias de trancoso e narrativas de encantamento, ou ainda, nas histórias que falam sobre o passado colonial (CAVIGNAC, 2009, p. 89) constituem uma “lógica cultural” fundada sobre

---

<sup>14</sup> Doutora em Antropologia pela Universidade de Nanterre (França), Julie Antoniette Cavignac é professora associada IV do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e atualmente vice coordenadora do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRN.

o encantamento – das almas, dos reinos, dos tesouros – e que desemboca em uma cosmogonia encantada, onde os mortos interagem com os vivos, ora como oráculos de algum tesouro ou reino perdido, ora como objetos de devoção.

Assim, a literatura sobre as histórias de botija evidencia todo um universo assombroso do qual elas fazem parte. Esse universo deve as botijas boa parte dos créditos por sua sobrevivência. Nessas histórias, como nesse universo, as aparições do Diabo se dão – inclusive nos cordéis – à margem de uma tradição Cristã oficial sobre ele. O Diabo, sempre presepeiro, praticamente em todos os casos se dá mal, distanciando-se das representações que o tomam como um ser muito poderoso, tentador e oponente duro não só dos seres humanos, mas também de Deus. Ele aparece de diversas maneiras, personifica-se nos animais, nos obstáculos para o desencantamento das botijas, mas nunca como um adversário imbatível, pois com sua esperteza, a fé e os sinais dela, o nordestino pode ludibriar o Cão.

### **3. O DIABO E O ASSOMBROSO NAS HISTÓRIAS DE BOTIJA: ANALISANDO ALGUNS CORDÉIS**

São os homens e mulheres, sujeitos de uma determinada cultura, de determinada época, que constroem suas representações (NOGUEIRA. 2002, p. 08). A respeito do Diabo não é diferente, cada época cria um repertório de imagens e representações próprio para esse personagem. Essas representações, segundo Sandra Pesavento (2004) são construções feitas a partir do real, para representá-lo, não em um exercício simplesmente mimético. É por essas lentes que tanto o indivíduo, quanto o grupo dão sentido ao mundo (pp. 39-40). Com relação a nosso personagem, em determinados momentos o repertório de representações que lhes faziam referência praticamente era capaz de conduzir a vida de homens e mulheres. Para que compreendamos essas representações é preciso fazer um trabalho duplo: analisar permanências e peculiaridades das imagens acerca do diabólico em diferentes épocas, o que os limites deste artigo não nos permitem, por isso pretendemos fazer apenas um exercício de aproximação desses repertórios.

Nem sempre Satã – enquanto personagem – foi mal, no início da cristandade ele estava longe de ser o monstro que surgirá no fim do medievo, aquele representado geralmente com olhos vermelhos, asas e cabelos de fogo (o fogo do apocalipse) e devorador de homens. Apesar de assustar, antes da modernidade, Satã e “seus acólitos são por vezes tão ridículos ou divertidos, quanto terríveis; por isso tornam-se progressivamente familiares” (DELUMEAU. 2009, p. 355). É na crise generalizada no século XIV que se dá a invasão demoníaca no

mundo. Através da literatura e da arte, a imagem do Diabo sistematizada e tornada oficial pela Igreja chegará, sobretudo, às elites. Acontece então uma verdadeira explosão de representações desse perverso inimigo, tentador e ardiloso, como também do inferno. As imagens de Satã e do inferno que afloram numerosas – sobretudo nas artes – são frutos de crenças antigas e de diversas culturas (MAGALHÃES; BRANDÃO, 2012).

Esse diabo é tentador e ardiloso, adversário do homem e de Deus – como é mostrado em suas mil faces nas “Tentações de Santo Antão”<sup>15</sup> – o rei do mundo dos loucos, dos que buscam os prazeres passageiros, seja nos paraísos artificiais ou seja no Carnaval.

É o juízo final, esperado desde o início da cristandade – primeiro de maneira confiante, depois com a certeza da total degradação humana e do poder do Diabo sobre o mundo –, um dos grandes motivos para todo esse medo. E seu principal meio de propagação, como resalta Jean Delumeau foi a imprensa: “não é exagerado afirmar que a imprensa foi uma ‘máquina diabólica’, na medida em que fez conhecer o rosto e os dons incrivelmente diversos do Inimigo dos homens” (2009, p. 364). A literatura demoníaca, que pode ser tanto erudita, quanto popular, alcança números fenomenais no período e substitui na vida cristã os textos hagiográficos. Essa participação da imprensa na difusão do medo do Demônio e de sua corte funesta é evidenciada por Delumeau tanto na Alemanha – com Lutero –, quanto na França, mas deve ter tido papel fundamental em toda a Europa moderna.

O historiador francês destaca ainda que toda literatura diabólica analisada por diversos pesquisadores corresponde apenas a uma pequena parte de um conjunto maior que provavelmente nunca poderá ser totalmente conhecido.

Para além dessa figura amedrontadora que era o Diabo anunciado pelo Cristianismo, existia uma outra representação de caráter popular, uma forma de resistência de povos que se viram obrigados a abandonar seus antigos cultos. Esse diabo popular é “um personagem familiar, humano, muito menos temível do que assegura a Igreja e isso é tão verdade que se chega bem facilmente a enganá-lo” (DELUMEAU. 2009, p. 369). Esse entendimento a respeito de Satã aproxima-se muito mais que o entendimento oficial das representações que encontramos nos cordéis que trabalhamos. E não para por aí, esse personagem também é representado de maneira diferente nessa cultura popular do fim do medievo e início da modernidade:

---

<sup>15</sup> Obra de arte do pintor holandês Hieronymus Bosch, datada entre 1495 e 1500 (primeira versão) inspirada nas narrativas sobre a vida de Santo Antão e as tentações a que segundo a tradição ele foi submetido. Ele é vítima das mais variadas tentações do Diabo (Óleo sobre madeira, dimensões: 127x101 cm).

Não é designado por um nome bíblico [...] E não é raro constatar que a cor negra (característica de Satã) não lhes é atribuída [...], são verdes, azuis ou amarelos: o que parece ligá-los a divindades muito antigas da floresta do Jura. Somos então conduzidos a um universo politeísta em que o diabo é uma divindade entre outras, suscetível de ser adulada e que pode ser benfazeja (DELUMEAU. 2009, p. 369).

Falando sobre o mesmo período que Delumeau, Nogueira (2002, p. 98) caracteriza a sobrevivência do diabo nas “consciências populares” como “uma entre outras tantas”, fruto de um processo de conversão imposto e inacabado. Para as pessoas, as coisas iam muito além de um maniqueísmo extremo pregado pelo cristianismo. É justamente isso que acontece no Nordeste do Brasil a partir da colonização e do contato entre diversas culturas. Lançados em um mundo multicultural, com uma diversidade de religiosidades não-oficiais, os nordestinos “conviveram” desde cedo com entidades de todas essas religiosidades, portanto era o Diabo cristão apenas mais uma dessas sobrevivências e por isso não causava o medo que a tradição Católica esperava. O cordel é um importante indício de como o Diabo podia ser “vítima” da astúcia humana. A relação entre o nordestino e o diabo no cordel acontece de diversas maneiras, porém o fim é sempre parecido: o Cão é quase sempre enganado, tapeado, de alguma maneira pelo ser humano (LACERDA, 2014).

No folheto de José Soares (Kung-Fu e Satanás arrancando uma botija) vemos algumas dessas características bem desenhadas. Escrito em Olinda/PE na segunda metade da década de 1970, o folheto conta a história de um homem, notório por sua coragem, chamado Kung-Fu, que é escolhido por uma alma para receber uma botija que ele terá que desenterrar debaixo da cama do Diabo. O homem terá que ir ao inferno de dia, pois naquele ambiente, marcado pelos jogos de azar e espaços de tortura das almas dos condenados, não existe luz. Kung-Fu é um vivo no espaço dos mortos e condenados, encontrando lá personagens conhecidos na tradição sertaneja e na religiosa (Lampião e Caim) que por sua maldade e fama tornaram-se “cães” – espécie de ajudantes de Satã.

O Diabo, como interesseiro que é, quando encontra Kung-Fu cavando embaixo da sua cama e percebe que ele achou um tesouro cria um plano para ficar com toda a riqueza sozinho, usando para isso os trabalhos do Cão Canivete. Juntos, o Diabo e esse cão, deixam Kung-Fu cheio de raiva e de mãos abanando na volta para casa. Mas a libertação da alma depende do sucesso de Kung-Fu, por isso ela lhe visita mais uma vez, e sabendo do seu insucesso cria um plano junto com ele para *tapear* o Cão:

Vou lhe ensinar novamente

como é que você faz  
 cave um buraco debaixo  
 da cama de capataz  
 você fica lá cavando  
 só de araque aguardando  
 a chegada de Satanás.  
 (SOARES, 1907?, p. 06).

A ganância por dinheiro que o Diabo e seus cães sentem é a segurança que a alma e Kung-Fu têm do sucesso do plano. E assim acontece, o Diabo encontra Kung-Fu cavando debaixo da cama do cão Capataz e enquanto o homem sai para buscar o tesouro, o Demônio tapeado fica cavando onde não tem nada, tentando achar o tesouro primeiro e ficar com tudo. Kung-Fu oferece um pouco mais de dinheiro ao cão Canivete que não resistindo a “tentação”, carrega todo o tesouro para o sertão.

A estratégia de Kung-fu e da alma que lhe doa a botija termina por ser um louvor a esperteza do homem nordestino, no cordel usada para enganar o Diabo, na vida para garantir a sobrevivência. Essa esperteza é tão grande que abala as estruturas do inferno, como vemos no desfecho do folheto:

O Satanás como sempre  
 esperto e interesseiro  
 viu Kung-Fu demorando  
 danou-se a cavar ligeiro  
 balbuciu Satanás  
 se Kung-Fu não vir mais  
 Eu fico com o dinheiro

Tinha cavado cem metros  
*quase o inferno caía*  
 e nem sinal do dinheiro  
 ali não apareceu  
 e Kung-Fu no sertão  
 tirava o couro do cão  
 mangando dele sorria  
 (SOARES, 1907?, p. 07).

Para entender ainda melhor a representação do Diabo neste folheto, analisar a xilogravura da capa é fundamental. A imagem ganha sentido mais preciso graças ao título e a leitura do cordel, mas é composta de elementos que fazem parte do conjunto de elementos culturais de diversas comunidades do Nordeste brasileiro: um homem e o Diabo, nas mãos ferramentas – enxada com o homem e picareta com o Cão. Será uma ironia, já que nenhuma

outra ferramenta representaria tão bem o papel do demônio no folheto? –, ambos cavando o chão. Satanás aparece com aspectos já muito comuns nas suas representações, não só nos cordéis: negro<sup>16</sup>, com chifres, rabo pontiagudo e pés animais; um verdadeiro ser bestial, transitando entre o humano e o animal.



**Figura 01 – Kung-Fu e Satanás arrancando uma botija**

---

<sup>16</sup> Os negros são associados ao Diabo rotineiramente na literatura de cordel e também no cotidiano das comunidades. Sobre os cordéis de Leandro Gomes de Barro e a demonização do negro, Erasmo Peixoto de Lacerda (2014).

Segundo Maria do Socorro Cipriano (2010), nas xilogravuras<sup>17</sup> do cordel imagem mais típica é a de um diabo preto, com chifres, asas de morcego e uma longa cauda com forma de seta, além de empunhar um garfo gigante. O efeito que essa representação causa no leitor é uma possível chave para o universo onírico no qual ele está inserido, pois, essas xilogravuras – e não só a do demônio – só poderiam fazer sentido se representassem seres presentes nas redes de crenças das comunidades. Lembremos que o estatuto de verdade da imagem era tão forte na época, que até analfabetos compravam os cordéis e, obviamente, preferiam os com imagens na capa. O ardiloso diabo se comporta de maneira oposta ao comportamento de Deus e está sempre procurando meter os homens em ciladas. É o diabo arteiro, que não se deve levar a sério e que sempre leva a pior em disputas com os seres humanos, como no nosso cordel. Uma mancha, que lembra uma aparição fantasmagórica, uma explosão, formas animais, humanas, ou ainda um forte cheiro de enxofre, eram outras maneiras comuns de se representar o capeta. Os animais são, para além da xilogravura, uma presença diabólica e fonte de desconfiança cotidiana para os humanos, principalmente os macacos, bodes e maribondos. Outro aspecto que chama a atenção com relação a eles é a profunda crença no encantamento de bichos (CIPRIANO, 2010, pp. 65-97).

É justamente sobre o encantamento de bichos e o universo assombroso que trata a história de botija do nosso segundo cordel: *O caçador Zé Caetano e a voz do Pai da Mata*, de Francisco Sales Arêda. Zé Caetano, caçador experiente, se prepara para sair para a mata junto do seu cão chamado Tubarão, mas o cachorro parece não gostar da ideia de sair naquele dia. Dentro dessa história que vai acabar com Zé Caetano desenterrando uma botija, ficando rico e não precisando mais caçar, alguns pontos merecem análises detalhadas, partindo sempre do nosso problema.

Primeiramente, a representação do Pai da Mata na xilogravura da capa parece muito com a representação do Diabo da xilogravura da capa do cordel de José Soares: possui chifres e rabo pontudo, é negro e possui traços animais, como nos pés. É interessante questionarmos a presença de figuras tão parecidas em cordéis de períodos diferentes e que tratam de personagens diferentes. Nogueira (2002, p. 76) afirma que existiam no medievo vários tipos de diabos – que na verdade eram entidades que sobreviveram a cristianização do ocidente e que precisavam serem (re)significadas pela Igreja –, entre eles demônios que

---

<sup>17</sup> As xilogravuras são imagens feitas a partir da prensa de um pedaço de madeira ou de aço, com o que se pretende representar em alto relevo na superfície, sobre uma página. Técnica popularizada no Nordeste do Brasil graças a Literatura de Cordel. Grande parte das xilogravuras do cordel eram produzidas pelos próprios autores dos folhetos. Para mais informações sobre as xilogravuras indicamos: FRANKLIN, Jeová. Xilogravura popular na Literatura de Cordel. Brasília: LGE Editora, 2007.

viviam nas matas, fazendo com que os caçadores e transeuntes se perdessem. Na verdade, é muito mais provável que o Pai da Mata, ou Pai do Mato, reúna elementos de outras culturas além da europeia.



**Figura 02 – O Caçador Zé Caetano e a voz do Pai da Mata**

O passarinho e o carneiro encantados que aparecem na história, refletem a crença no encantamento de animais que tem uma existência duradoura e muito forte em muitas comunidades do Nordeste brasileiro. O passarinho acompanha a voz misteriosa que conversava com Zé Caetano. Ele realiza proezas que fazem com que o próprio caçador, depois de muito tentar mata-lo, reconheça que não conseguirá, pois trata-se de um animal encantado: aquele é um “passarinho *assombroso*” (ARÊDA, 196?, p. 04). Já o carneiro

encantado é o sinal da proximidade com a botija, passaporte para uma nova vida de fartura e sem precisão de trabalhar. O espírito misterioso que aparece enquanto Zé Caetano descansa, assim como a alma que deu a botija a Kung-Fu, ensina-lhe passo-a-passo como encontrar e desenterrar a botija, demonstrando preocupação com o sucesso do desenterro e o destino do ouro:

Pega tuas armas e vai  
Com teu cão em companhia  
Hoje 6 horas da noite  
Antes de morrer o dia  
*Encontraraes um cazebre*  
Sem ninguém na moradia

Na porta tem uma árvore  
Debaixo está um carneiro  
Pro lado que ele correr  
Depois do fim do terreno  
Veja onde ele para  
Você cava bem ligeiro.  
(ARÊDA, 196?, p. 12).

A botija está perto de uma casa velha, lugar comum para enterro desses tesouros encantados. Maria do Socorro Cipriano mostra como muitas pessoas ainda hoje se aventuram em busca de ouro, de alguma riqueza em lugares como esses.

Outro elemento assombroso são as duas tochas e as vozes que cerca Zé Caetano e seu cachorro Tubarão durante toda noite na mata fechada. Como para vencer o demônio, o homem recorre a um símbolo religioso para derrotar a ameaça assombrosa que lhe cerca. Zé Caetano lembra de uma oração que seu avô lhe ensinou, a oração do caçador, direcionada para Santo Amâncio, padroeiro dos caçadores (ARÊDA, 196?, p. 10).

Santo amancio *amançador*  
De todo coração duro  
Abrandai estas correntes  
Que me tange pro escuro  
Afastando esses espíritos  
No presente e no futuro

Já que és em toda parte  
Protetor dos caçadores  
E abrandas com teu poder  
Os bichos devoradores  
Defendeime Santo Amancio  
Neste quadro de terrores

Pelo Credo pela Cruz  
 E o Pai nosso pequenino  
 Cruz na vida cruz na morte  
 E o sangue do divino  
 Defendei-me Santo Amancio  
 Com vosso Sagrado *encino*

Pelas *oras* de agonia  
 De Jesus crucificado  
 Defendeime Santo Amancio  
 Pelo relógio sagrado  
 Que serviu como sinal  
 A vosso verbo encarnado.

É assim, através da fé que Zé Caetano livra-se da ameaça sobrenatural, como muitos de nós fazemos ainda hoje e como outros tantos que recebiam uma botija em sonho acreditavam que deveria ser o ritual do desenterro da botija.

A análise dos cordéis acaba por nos confirmar que as representações acerca do Diabo e do universo assombroso no qual as botijas estão inseridas – principalmente as do Diabo – não seguem um padrão proposto por uma cultura que se coloca como oficial. Essas representações, essas imagens, apontam para elementos de uma complexa rede cultural que apenas começou a ser estudada pelas ciências humanas e ainda pode ser terreno de muitas outras pesquisas.

#### 4. CONCLUSÕES

Depois de nos debruçarmos sobre a literatura que trata de nosso tema e analisarmos os cordéis de Soares e Arêda, podemos traçar algumas considerações a respeito das representações do Diabo e do assombroso nas histórias de botija e na literatura de cordel.

O Satã da tradição cristã ocidental, aquele que amedronta os seres humanos das mais diversas maneiras, não é o mesmo que aparece nas páginas dos folhetos analisados, nem nas histórias de botija contadas nas comunidades que participam dessa rede cultural, como evidencia Maria do Socorro Cipriano em sua tese. O Diabo dos cordéis é um charlatão, enganador, que sempre acaba sendo tapeado pelo homem e pela mulher do sertão no fim das contas, o que lhe dá um ar engraçado e humano.

Pictoricamente, o “Cão” é representado na xilogravura do cordel de José Soares, e em muitos outros – inclusive no cordel de Arêda que trata do Pai da Mata, este é representado de maneira similar ao Diabo –, sempre de uma maneira característica: negro, com chifres e cauda

pontuda e os pés de animal; um verdadeiro ser bestial. As ações desse ser assombroso aproximam-se muito das ações humanas. Os sentimentos também, como a ganância e a esperteza que caracterizam o Diabo do cordel *Kung-Fu e Satanás arrancando uma botija*.

Quanto ao universo assombroso que envolve as histórias de botija, os animais encantados são presenças comuns. No cordel de Arêda aparecem um pássaro e um carneiro, como funções distintas, mas ambos encantados. O animal encantado some e reaparece quando e onde quer, é imune a balas e conhece os segredos da terra – como o local onde está escondido a botija que Zé Caetano encontra.

As orações e os símbolos cristãos são os elementos que podem salvar quem enfrenta os terrores do Diabo e do universo assombroso. Zé Caetano só consegue escapar de dois espíritos que o cercam graças a uma oração ensinada por seu avô e a alma que dá a botija a Kung-Fu o orienta a levar uma série de elementos cristãos para espantar o Diabo, entre eles: Cordão de São Francisco, Rosário, cruz, vela benta, terço, esplendor, vela de cor, além de uma plaquinha com a imagem de Jesus. Esses rituais se repetem em diferentes histórias de botija, das mais diversas comunidades.

A partir de todos esses aspectos, podemos observar que o diabólico e o assombroso nas histórias de botija dos cordéis analisados são marcados por uma série de elementos de uma religiosidade popular europeia, ibérica sobretudo, e com diversos outros elementos ligados a terra e a natureza. Essas histórias exaltam sobretudo a coragem como virtude essencial para a mudança de vida – ora enfrentar o Diabo, ora desafiar bichos encantados e entidades como o Pai da Mata – que acontece graças aos tesouros encantados.

O interesse recente sobre a nossa temática faz com que tenhamos ainda a necessidade de compreender melhor essa rede cultural que envolve ainda hoje diversas comunidades, sobretudo rurais, no Nordeste do Brasil.

## **THE UNIVERSE AMAZING AND THE DEVIL OF STORIES IN BOTIJA AT LITERATURE CORDEL**

Ivanildo dos Santos Xavier Júnior

### **ABSTRACT**

This article analyzes some of the amazing representations and, more specifically, the Devil, in Botija of stories in Cordel. It presents through the literature on the theme, certain elements in common for these narratives, well as conceptualizations proposed by authors than the have analyzed in the search a better understanding of its aspects oneiric, mystics, and indicators of

cultural values present in the daily lives from different epochs and spaces. *Kung-Fu e Satanás arrancando uma botija*, in José Soares and *O caçador Zé Caetano e a voz do Pai da Mata*, in Francisco Sales Arêda, observed the narrative wefts, involving the communication between the worlds of the living and the dead, the contrasts between the representations of the devil present in these stories and those officially disseminated by Christianity. And also indicates that, along with the representations and images on the theme, one can notice a series of survivals of religiousness and distinct traditions that make up aspects of the culture and traditions of the Nordeste region of Brazil.

**Keywords:** Devil. Narratives of Botija. Cordel.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **FONTES**

ARÊDA, Francisco Sales. **O Caçador Zé Caetano e a voz do Pai da Mata**. Recife: 196?. (Cordel)

SOARES, José. **Kung-Fu e Satanás arrancando uma botija**. Olinda: Casa das Crianças de Olinda, 197?. (Cordel)

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BATALHA, Maria Cristina. **A Literatura Fantástica: um protocolo de leitura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. **Assombrações do Cariri: o imaginário popular como elemento de reflexão histórica**. Fortaleza, ANPUH, 2009.

\_\_\_\_\_. **Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na região**. Fortaleza-CE: Universidade Federal do Ceará, 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012

CAVIGNAC, J. A. **Um mundo encantado: memória e oralidade no Sertão do Rio Grande do Norte**. In: Emília Pietrafesa de Godoi; Marilda Aparecida Menezes; Rosa Azevedo. (Org.). *Diversidade do Campesinato: expressões e categorias* (Coleção História Social do Campesinato no Brasil). Construções Identitárias e Sociabilidades: São Paulo; Brasília: Unesp; NEAD, 2009, v. IV-1, p. 69-94.

CHARTIER, Roger. **O mundo como Representação**. São Paulo: Revista Estudos Avançados, v. 05, n. 11, 1991.

CIPRIANO, M. S. **Histórias de botijas e os labirintos do universo assombroso na Paraíba**. Recife: UFPE, 2010.

DELUMEAU, Jean. Satã. In: DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (pp. 354-385)

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. [Org.]. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2009. (pp. 61-91).

GINZBURG, Carlo. **História Noturna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRUZINSKI, Serge. **O historiador, o macaco e a centaura: a “história cultural” no novo milênio**. In: Estudos Avançados, nº 17. 2003 (pp. 321-342).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras. 1995.

JAHN, Livia Petry. **A literatura de cordel no século XXI: Novas e velhas linguagens na obra de Klévisson Viana**. Porto Alegre: UFGRS, 2011.

LACERDA, Erasmo Peixoto de. **Representações do Diabo na Literatura de Cordel: a demonização do negro em Leandro Gomes de Barros (1893-1918)**. Fato & Versões, v. 6, p. 57-73, 2014.

LISBOA, Armando de Melo. **Ethos Barroco e as Raízes Histórico-Culturais da Economia Solidária**. Montevideo, 3<sup>as</sup> Jornadas de Historia Económica. 2003.

MACEDO, H. A. M. de; LOPES, T. S. **A botija da Serra da Rajada: entre a memória e a história**. Inter-legere (UFRN), v. 10, p. 21-48, 2012.

MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo; BRANDÃO, Eli. O Diabo na arte e no imaginário ocidental. In: MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo; [Et. Al.]. **O Demoníaco na Literatura**. Campina Grande: EDUEPB, 2012. (pp. 277-290)

MICHELET, Jules. **A Feiticeira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

NUNES, M. V. **Entre o Capa Verde e a Redenção: A Cultura do Trabalho com Agave nos Cariris Velhos (Paraíba, 1937-1965)**. Brasília: UnB, 2006.

OLIVEIRA, Estela Ramos de Souza de. **O diabo ridicularizado na literatura de folhetos do Nordeste**. Florianópolis: UFSC, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SALES, Thiago de Oliveira. **Sobre Botijas**. Recife: UFPE, 2008.

SANTOS, Manoel Camilo dos. **Viagem a São Saruê**. Campina Grande, 1965.

SCHIMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. Rio de Janeiro, Editora 34. 2010.

SUASSUNA, Ariano. **O Santo e a porca**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.